

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ROSÂNGELA DEPIERI

**A PERCEPÇÃO SONORA E A CRIAÇÃO MUSICAL A PARTIR DO USO DE
VÍDEOS NAS AULAS DE ARTE**

**CURITIBA
2013**

ROSÂNGELA DEPIERI

**A PERCEPÇÃO SONORA E A CRIAÇÃO MUSICAL A PARTIR DO USO DE
VÍDEOS NAS AULAS DE ARTE**

Artigo apresentado para obtenção do título de Especialista em Mídias Integradas na Educação no Curso de Pós-Graduação em Mídias Integradas na Educação, Setor de Educação Profissional e Tecnológica, Universidade Federal do Paraná.

Orientador(a).
Prof^a. MsC. Aura M^a de Paula Soares Valente

**CURITIBA
2013**

A percepção sonora e a criação musical a partir do uso de vídeos nas aulas de arte

DEPIERI¹, Rosângela.

Curso de Especialização em Mídias Integradas na Educação, SEPT/UFPR.

Polo UAB de Apoio Presencial em Colombo/PR

RESUMO – Este trabalho é um relato da aplicação do filme: “O Som do Coração” e dos vídeos do *Stomp* e dos *Barbartuques*, para a execução das atividades em sala de aula dos alunos do 8º ano de dois Colégios Estaduais em Colombo, no ano de 2013. Os alunos foram instigados a perceber a paisagem sonora, improvisar com objetos do dia a dia e produzir sequências sonoras com estes objetos em grupos, tendo estes relatos anotados e filmados para análise. Mostrar-se-á sons percebidos e diferentes objetos trabalhados ou criados pelos alunos para suas reproduções sonoras e se o filme e vídeos auxiliaram a reprodução das mesmas. A partir destas propostas, outros professores, pesquisadores podem seguir a mesma ideia ou inovar, pois há muitos grupos que utilizam diversos recursos que podem ser aplicados com este intuito. Percebeu-se que a maneira de utilização das mídias em sala de aula pode auxiliar o processo de ensino-aprendizagem dos educandos.

Palavras-chave: Arte. Educação. Música. Percepção Sonora. Vídeo.

¹Polo UAB Altair da Silva Leme, Colombo/PR
E-mail: depieri1973@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como tema: “A Percepção Sonora e a Criação Musical a Partir do Uso de Vídeos nas Aulas de Arte”, com enfoque no uso do vídeo/filme, nas aulas do 8º ano. O conteúdo específico abordado com os alunos é a: percepção sonora, utilizando como base o filme: “O Som do Coração” e os vídeos do *Stomp* e do *Barbatuques*, ambos de criações musicais com objetos do dia a dia.

Segundo Duarte Jr (1994, p. 56), quando trata a importância das aulas de arte “(...) o sentido do trabalho artístico: tornar objetivas (...) as manifestações subjetivas dos seres humanos em uma época e cultura.”. Atualmente é indiscutível o valor das aulas de arte na formação dos educandos, e a premissa de Duarte em relação ao sentido do trabalho artístico demonstra que esses devem ter acesso à experiência estética, saber sentir, exprimir, observar, descrever, para então conseguir, concentração e criação não apenas nas aulas de arte, mas também em outras disciplinas.

A introdução das mídias na educação, a influência da Indústria Cultural e a maneira como é colocada a arte aos educandos é também uma questão que considera-se relevante na educação e na arte-educação. Para isso, mostrar as imposições da mídia aos alunos e como eles devem reagir ao que lhes é imposto torna-se relevante a fim de estabelecer tendo uma análise crítica e transformadora do que é apresentado para também como o ensino da arte pode construir uma consciência crítica e ética para a formação da cidadania.

A questão que norteia o presente artigo é: Como o filme: “O Som do Coração” e os vídeos do *Stomp* e *Barbatuques* podem auxiliar os alunos do 8º ano, no processo de percepção sonora e criação musical nas aulas de Arte?

A hipótese deste trabalho é que os temas abordados nesses vídeos auxiliam a criatividade, o processo de aprendizagem e o da criação sonora.

Tem-se como objetivo verificar e analisar a importância dos vídeos: *Stomp* e *Barbatuques*; e do filme: “O Som do Coração”, para o desenvolvimento da percepção sonora e execução das atividades de improvisação e criações musicais nas aulas de arte do 8º ano.

Elencam-se como objetivos específicos: instigar a percepção dos alunos aos sons do dia a dia, a partir dos filmes e vídeos visualizados em sala. Vivenciar e experimentar sequências de sons, a partir dos vídeos: *Barbatuques* e *Stomp* e do

filme: “O Som do Coração”. Criar uma improvisação sonora, a partir da percepção sonora percebida no filme: O Som do Coração e nos vídeos dos grupos: Barbatuques e *Stomp*.

Quando se trabalha a musicalização em sala de aula visa-se especialmente: “Uma educação que permita uma maior sensibilidade para com o mundo a em volta de cada um de nós.” (DUARTE JR, 1994, P. 14). Acredita-se que as mídias estão ligadas a essa matéria. Não se afirma que sem as mídias não se fariam as atividades, mas pode-se dizer que sem elas as atividades seriam diferentes. No caso deste trabalho, tentar-se-á mostrar como as sequências sonoras foram executadas e de que maneira as mídias podem auxiliar os educandos na compreensão e finalização das atividades.

O que pode se verificar em relação à percepção sonora é que: “(...) nada é tão básico quanto à educação dos sentidos e, entre eles, a escuta é um dos mais importantes.” (Schafer, 2009, p. 13). Já Swanwick (2003), analisa quando o aluno toca, compõe e escuta, pode perceber novas conexões e esse entendimento, pode vir a auxiliar em trabalhos futuros, pois uma atividade reforça a outra. Há a identificação de sons que serão transformados em melodias, melodias em estruturas e estruturas em experiências significativas.

A concepção desse trabalho vem da junção de instigar os alunos à criação de novos sons, a aguçar a percepção dos sons ao seu redor e dar oportunidade de perceberem que diferentes estilos de música podem atuar juntos e ainda que simples objetos do nosso dia a dia podem transformar-se em instrumentos musicais e produzir sons e sequências sonoras interessantes.

Um aluno que sabe ouvir, identificar, apreciar e criticar estará utilizando os processos criativos em todas as áreas da sua vida de uma maneira crítica e atuante e não apenas passivo e aquém do que se está vivenciando. O homem: “Não se adapta simplesmente a um meio e sim procura transformá-lo, modificá-lo e construí-lo” (DUARTE JR, 1994, p. 19). Essa é uma das funções da arte e da música, um conhecer, um transformar e um construir.

2 ARTE-EDUCAÇÃO

O encaminhamento inicial dar-se-á, a partir das concepções de Duarte Jr (1994, p. 66), sobre Arte-Educação. “Encontrando nas formas artísticas,

simbolizações para os seus sentimentos, os indivíduos ampliam o seu conhecimento de si próprios através da descoberta dos padrões e da natureza de seu sentir.”, quer dizer, supõe-se que sensibilizar, sentir, vivenciar, criar, recriar e transformar de maneira crítica e consciente através da arte, auxiliará o educando na apreensão do conhecimento a partir das vivências, pois “Todo o processo de conhecimento e aprendizagem humanos se dá sobre dois fatores: as vivências (o que é sentido) e as simbolizações (o que é pensado)” (DUARTE JR, 1994, p. 26).

Pode-se verificar pela arte num contexto histórico-cultural, que o ser humano aprende através da socialização. Ela encontra-se presente em todas as culturas, em qualquer parte do mundo e ensinar ou aprender arte, transporta as pessoas a diversos locais com diferentes costumes, culturas e estilos arquitetônicos e essa diferença faz o indivíduo crescer, aprender, transformar e recriar um novo estilo de arte.

Entende-se que o processo de criação é mais importante que o produto em si, aguçar os sentidos, relacionar-se com o que está a sua volta, individualmente ou em grupo para que haja uma consciência estética, de maneira crítica, utilizando a imaginação, compreendendo primeiro a si, para que haja interação com o meio, uma educação estética e criadora, este seria o ideal, mas segundo Duarte Jr (1994, p. 34-35) “Falta às pessoas uma visão cultural do todo em que vivem. Cada um possui conhecimentos parciais, desconexos, sem visão do mundo, que os integram no todo significativo”, isso em parte deve-se ao que é imposto pela Indústria Cultural estudada por Adorno (2002), a qual ele teoriza filosófica e sociologicamente a influência dos meios de comunicação, das mídias, para manter a sociedade focada no interesse e no lucro de uma pequena parte da sociedade, aceitando sem pensar e sendo manipulada inconscientemente visando estritamente os lucros de algumas empresas.

Percebe-se com isso que o ser humano vive, transforma, se adapta e recria o meio onde vive a partir das vivências, interações, com o meio e com o mundo. Entende-se que importante não é a obra de arte em si, mas o processo criativo, a relação da obra com o mundo e com o seu próprio sentido. Senso crítico, estética, imaginação, criatividade, consciência, pois não se faz arte, apenas por alguém achar que é arte, mas tudo faz parte de um grande processo criativo e de interação que parte do que se sente em relação ao meio e o que se sente em relação ao mundo.

Segundo Duarte Jr (1994, p. 60) “A obra de arte (...) não é para ser pensada, traduzida em palavras, e sim sentida, vivenciada (...) sua função não é a de comunicar significados (...) mas a de exprimir sentidos.” Assim sendo, acredita-se que os arte-educadores devem ter uma relação harmoniosa com todos os sentidos artísticos: Artes Cênicas, Artes Visuais, Música e Dança, para que os educandos possam recriar e tornarem-se cidadãos, críticos e transformadores.

3 O VÍDEO NA SALA DE AULA E AS PERCEPÇÕES MUSICAIS

Nesse capítulo foi analisado o início do vídeo na sala de aula, conforme artigo do mesmo nome de José Manuel Morán (1995), no qual ele relata diversas formas da utilização do vídeo em sala e suas aplicações, que deve ser de forma pedagógica e criativa, para que não seja utilizado apenas como lazer e sim auxiliar no processo de ensino-aprendizagem.

A chegada do vídeo na sala de aula trouxe uma nova realidade despertando o interesse do aluno, trazendo-o para realidades do seu cotidiano, mas ainda assim não podendo perder suas questões pedagógicas. Os materiais de audiovisuais tiveram que ser readaptados, pois não era mais lazer e sim aula. “Pelo vídeo sentimos, experienciamos sensorialmente o outro, o mundo, nós mesmos.” (MORÁN, 1995, p. 28).

A exploração feita pelo vídeo levou os educando a novas percepções: personagens, movimentos, a fala nos leva às situações vividas e segundo Morán (1995, p. 28): “O vídeo é sensorial, visual, linguagem falada, linguagem musical e escrita. Linguagens que interagem superpostas, interligadas, somadas, não-separadas. Daí a sua força. Somos atingidos por todos os sentidos (...)”. O vídeo lida com a emoção, razão, vivência e experiência de cada um. É uma arte rápida, a história deve ser contada de maneira clara, mas não há muito tempo para aprofundar-se em certos assuntos, está ligada mais a afetividade do que a razão e às vezes utiliza a imaginação. Mais importante que a análise do fato é tornar os alunos mais conscientes, críticos e atentos em relação ao que eles veem. Os exercícios propostos por (SCHAFER¹, 2009), podem ser uma maneira de aguçar,

¹ (SCHAFER: R.M.): Compositor, escritor, músico e educador que utiliza a paisagem sonora, os sons como objeto de seus estudos.

diferenciar e instigar atividades, experimentações, produções musicais a partir da percepção da paisagem sonora de determinado momento, sendo que estes exercícios podem ser facilmente aplicados em sala. .

Pode-se verificar que o som faz parte do dia a dia de todas as pessoas. Os sons que se ouvem, a paisagem sonora que se vivencia constantemente depende do horário, país, nível de volume dos sons e local em que as pessoas se encontram.

A função da obra de Schafer (2009) é uma educação sonora, que quer dizer, aguçar a percepção, conseguir delimitar o que é um bom ambiente sonoro, instigar a partir dos sons percebidos a uma nova produção musical, com experimentações individuais e em grupos.

Quando se fala em som, pode-se delimitar segundo Schafer (2009): Que som se quer manter? De que maneira eles podem ser estimulados, para que se tornem mais bonitos e o som possa ser resguardado ou readaptado? É preciso para isso ter um senso crítico, tomar conhecimento do que ouvir, tornar sensível, para diferenciar e qualificar os sons à nossa volta.

Os exercícios propostos por Schafer podem auxiliar nesta percepção no dia a dia e também em sala de aula, tornando os alunos conscientes, sensíveis aos sons ao redor, começando por grupos pequenos até que se tenha uma paisagem sonora modificada, com mais sons agradáveis, do que a poluição sonora que cerca o mundo ultimamente.

Ainda pode-se encontrar como base para o trabalho com percepções sonoras, o trabalho realizado para o PDE no Estado do PR, com o título “Música na Educação Básica de Márcia Rosane Chiquetto, (2008/2009)”, que segue a mesma linha de abordagem desse trabalho, utilizando vídeos, improvisações e criações musicais, com a diferença do tempo e do público-alvo, pois este foi utilizado como projeto em um período de 6 meses e o presente artigo foi aplicado durante um bimestre nas aulas de Arte do 8º ano no período de Fevereiro a Abril do ano de 2013.

Para auxiliar nos processos avaliativos dos alunos foram usadas as concepções de Swanwick (2003), que mostram diversas maneiras de trabalhar e avaliar a música. O autor afirma que a música aumenta a qualidade de vida, enriquece nossa compreensão sobre nós mesmos e o mundo, tem papel central em eventos marcantes na vida das pessoas, infância, adolescência, casamento, morte,

aumenta a maturidade social, o comprometimento com os processos musicais, admiração pelos músicos e causa experiências estéticas diversas.

Para as avaliações foram utilizadas as concepções de Swanwick (2003), exploração das sonoridades, produção de efeitos expressivos relacionados a andamento, timbre, demonstração das estruturas musicais e a música como um processo de metáfora, sendo que para que esta ocorra, elas devem passar por três níveis de aprendizado:

quando escutamos 'notas' como se fossem melodias, soando como formas expressivas; quando escutamos essas formas expressivas assumirem novas relações, como se tivessem 'vida própria'; e quando essas novas formas parecem fundir-se com nossas experiências prévias, (SWANWICK, 2003, p. 28).

Nota-se que uma maneira de ensinar música em sala é instigar a percepção sonora e tornar os alunos atuantes, produtores e criadores de um novo som. A aplicação do vídeo, as aulas de Arte, percepção sonora e criação musical, podem tornar os alunos mais críticos e conscientes das paisagens sonoras ao seu redor, utilizando e criando sons com objetos do seu dia a dia.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

Para o presente trabalho foi utilizada a pesquisa qualitativa, que preocupou-se com a compreensão aprofundada de maneira empírica, procurou através das atividades a explicação para a proposta inicial desse projeto.

Foram observados para análise comparativa os alunos do 8ª ano do Colégio Estadual A com 27 alunos e do Colégio Estadual B com 35, no ano de 2013. A aplicação ocorreu no 1º bimestre do presente ano, e foram utilizadas 11 aulas para a conclusão das atividades.

As atividades foram anotadas ou relatadas pelos alunos para posterior análise e foi passado o cronograma: Em 3 aulas eles assistiram o "O Som do Coração", em 1 aula eles responderam questões para avaliar a compreensão do filme, em 2 aulas eles viram novamente as cenas que mais chamaram a atenção do mesmo, anotando-as. Na próxima atividade eles assistiram aos vídeos do *Stomp* e dos Barbatuques e debateram o processo criativo de cada grupo, analisando os objetos utilizados para a produção das sequências sonoras.

Em 1 aula foi passado embasamento teórico e explicado sobre: timbre, altura, duração e intensidade. Na aula seguinte, foi explicado o que é paisagem sonora, termo criado por Schafer (1997), sons que fazem parte de todos os momentos da vida independente de induzir-se um som ou não, são os sons inerentes do mundo e a partir dessa explicação, os alunos fecharam os olhos por 5 minutos em sala e perceberam os sons da paisagem sonora daquele momento e após a percepção, fizeram o exercício nº1 proposto por Schafer (2009, p. 21) “Escreva todos os sons que você estiver ouvindo neste momento”.

Após os alunos lerem os sons para a turma, foram discutidos os sons identificados, sons que mais chamaram a atenção, se houve som alto, irritante, constante, entre outros verificados.

Na próxima aula os alunos criaram uma sequência musical em grupo com 4 a 6 pessoas, utilizaram objetos do dia a dia que produziam som, ou que achava-se mais interessante para essa musicalização. Para a próxima semana eles montaram uma improvisação musical, utilizaram objetos do dia a dia, puderam criar e trazer objetos para a produção sonora, ou readaptaram de acordo com a proposta de cada grupo.

Para a apresentação os grupos foram analisados pela criatividade, timbres utilizados, andamento da sequência musical, exploração de sonoridades e seguindo o processo de metáfora, proposto por Swanwick (2003). As apresentações foram gravadas para análise e houve comentário sobre cada apresentação após a mesma.

Para comprovação do resultado desta pesquisa, foi analisada a apreensão de conhecimento, a percepção de cada colégio em relação ao filme; a análise dos sons relatados durante atividade de percepção sonora, definindo os que mais chamaram a atenção, foram ouvidos pelo maior número de alunos e os sons mais instigantes; os sons utilizados na execução da sequência sonora e os sons utilizados na improvisação sonora.

Os Colégios foram analisados conforme a percepção de cada um em relação ao filme e aos sons do dia a dia, as sequências de sons e as improvisações feitas em sala e se os vídeos auxiliaram as produções sonoras durante a realização das atividades.

5 A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS AOS SONS DO DIA A DIA, A PARTIR DOS FILMES E VÍDEOS VISUALIZADOS EM SALA.

5.1 PRIMEIRA ATIVIDADE

Consistiu em informar aos alunos o assunto trabalhado durante o bimestre, a apresentação do filme “O som do Coração”, os vídeos do *Stomp* e *Barbatuques* e a partir dessas visualizações as atividades foram executadas.

Os alunos assistiram ao filme sem nenhuma intervenção da professora. Após foram feitas algumas perguntas sobre o mesmo e o resultado pode ser verificado na tabela a seguir:

TABELA 1

RESPOSTAS OBTIDAS DOS ALUNOS RELACIONADAS COM O FLME: “O SOM DO CORAÇÃO”

PERGUNTAS	COLÉGIO A	COLÉGIO B
1) COMO ERA A PERCEPÇÃO SONORA DE AUGUST RUSH?	21 ENTENDERAM, 6 TIVERAM DÚVIDAS	21 ENTENDERAM 4 NÃO ENTENDERAM 7 TIVERAM DÚVIDAS
2) COMO É A CRIAÇÃO MUSICAL DE EVAN TAYLOR/AUGUST RUSH?	21 ENTENDERAM 6 TIVERAM DÚVIDAS	15 ENTENDERAM 5 NÃO ENTENDERAM 5 TIVERAM DÚVIDAS
3) QUAIS ESTILOS MUSAICAIS FAZIAM PARTE DO FILME?	TODOS RESPONDERAM CORRETAMENTE	15 ENTENDERAM 11 TIVERAM DÚVIDAS
4) CITE UMA CENA EM QUE HÁ JUNÇÃO DE ESTILOS MUSAICAIS NO FILME:	19 ENTENDERAM 1 NÃO ENTENDEU 7 FICARAM EM DÚVIDA	16 ENTENDERAM 2 NÃO ENTENDERAM 8 TIVERAM DÚVIDAS
5) O QUE EVAN TAYLOR/AUGUST RUSH FAZ, QUANDO ELE PEGA UM INSTRUMENTO PELA 1ª VEZ?	19 ENTENDERAM 1 NÃO ENTENDEU 7 FICARAM EM DÚVIDAS	16 ENTENDERAM 2 NÃO ENTENDERAM 8 TIVERAM DÚVIDAS

FONTE: O autor (2013), dados obtidos nos colégios A e B referentes ao filme: “O Som do Coração”.

Após a correção do questionário, o filme foi repassado, dando ênfase às partes onde havia dúvidas e para os alunos perceberem alguns fatos que não foram notados antes.

5.2 SEGUNDA ATIVIDADE

A segunda atividade foi sobre percepção sonora, na qual os alunos perceberam a paisagem sonora, sons que faziam parte daquele momento, por 5

minutos identificaram os sons e fizeram uma listagem dos mesmos. Cada aluno relatou o que ouviu e os sons identificados foram:

Colégio A: Pé arrastando, caneta caindo, cadeira arrastando, pessoas correndo, professor falando, pessoas falando juntas, pessoas gritando, pessoa espirrando, batida de pé, porta batendo, professor gritando, carteiras arrastando, alguém mexeu em alguma bolsa, pessoas batendo o pé no chão, pessoas rindo, caderno caindo, conversas, esfregando o pé no chão, mexendo na carteira, sons de pessoas, passarinho cantando, zíper de uma mochila, balde, barulho de balde, alguém tossindo, balde caindo, bola, uma pessoa correndo no corredor, gente batendo o lápis, tia batendo o balde, lápis, carros fazendo barulho, carros buzinando, cochichos, gritos, batendo na carteira, gritaria no corredor, batidinha na cadeira, porta abrindo, pés, barulho de folhas, pessoas se mexendo, pássaros cantando, pessoas andando do lado de fora, barulho de régua, barulho no chão, folhas do caderno, crianças falando, coisas caindo, pessoas se mexendo, minha respiração, carteiras mexendo, meu corpo batendo na minha mala, silêncio e alguns barulhos, vento das folhas, vozes e pessoas se movendo, cachorro latindo, sacolas balançando, telefone tocando.

Nessa atividade nem todos perceberam os mesmos sons. Os sons identificados pelo maior número de alunos foram: caneta caindo (12 alunos), professor falando (16 alunos) e um aluno disse que era na sala ao lado, pessoas gritando ou gritos (12 alunos), porta batendo (9 alunos) e pessoas rindo (8 alunos).

No colégio A, há o relato de um aluno identificou pelo menos 10 sons, entre eles a própria respiração e o bater do corpo na mochila. É um aluno que não participa das aulas práticas, mas é perceptivo. Com esses sons identificados pelo Colégio A percebeu-se a diferente maneira dos alunos relatarem os sons percebidos, alguns identificaram o objeto, mas não o som que este objeto produziu, outras vezes, talvez por conhecer a voz do professor, eles identificaram o interlocutor perfeitamente, no caso do som do balde pode ser por associar com as pessoas que o utilizam na escola. Segundo Schafer (2009), quando se aguça a percepção sonora, melhora-se a qualidade ou a identificação do que se escuta. Swanwick (2003), afirma que quando se instiga a percepção sonora torna os alunos atuantes, produtores e criadores de um novo som.

Colégio B - os sons relatados foram: cachorro latindo, passarinhos cantando, carros passando na rua, carros passando na rua de pedra e no asfalto, pessoas tossindo,

peças se mexendo na carteira, barulho de folhas de papel, batida na parede, sala ao lado conversando, pessoas passando, batida de caneta, risadas, som de carro, pessoas falando, pegando o caderno, cachorro, meninas gritando, alunos falando, tiozinho conversando, barulho das carteiras, professores falando, sons com a caneta, professores explicando, sons de porta, passos, palmas, pássaros, moto, vozes, carro freando, caneta, batendo no caderno, som da sala ao lado, som do carro ligando, conversas de aluno, carros, pé sendo arrastado no chão, caminhão, conversa, folhas de caderno, batidas, respiração, batida de caneta na mesa e pessoas correndo no corredor. Alguns sons anotados são muito semelhantes, carros e carros passando, outros alunos especificaram o que estava ocorrendo, freada de carro, ou carro passando na rua de pedra e no asfalto, sendo esta a definição mais interessante, pois relata a diferença do som do carro no asfalto e na rua de pedra; outros definiram a ação que causava o som: batida de caneta na mesa, professores explicando, batendo no caderno e os menos explícitos citaram apenas o objeto que causava o som, por exemplo, caneta.

Notou-se que a utilização de filmes e vídeos em sala aguçou a percepção dos alunos, mas que a intervenção do professor fez-se necessária para ampliar a compreensão do conhecimento. Swanwick (2003) coloca que as crianças devem ser encorajadas pelo professor a usar repertórios diferentes, experimentar e construir novos sons. Schafer (2009) afirma que o estudo dos sons auxilia na distinção dos elementos sonoros e na qualidade de um bom ambiente sonoro.

Em relação às análises executadas pelos alunos, percebeu-se que a maioria não identificou todos os sons que ocorriam na paisagem sonora daquele momento. A maneira de reconhecer e expressar o que se ouviu, variou de aluno para aluno. Reconhecer todos os sons requer atenção e prática que pode ser instigado utilizando atividades desta natureza em sala. Swanwick (2003) cita que os sons devem ser explorados, novos sons, criar sons divertidos interessantes e Schafer (2009) diz que quando se reconhece os sons pode-se escolher melhor a paisagem sonora a nossa volta.

6 SEQUÊNCIAS DE SONS, A PARTIR DOS VÍDEOS: BARBARTUQUES E STOMP E DO FILME: O SOM DO CORAÇÃO.

As sequências de sons ocorreram após toda a visualização do filme, das cenas revistas pelos alunos, dos vídeos, da discussão em sala das formas de criação de cada grupo.

6.1 COLÉGIO A

O colégio A visualizou e discutiu os vídeos após esta atividade. A improvisação em sala ocorreu em grupo com 4 a 6 alunos e cada grupo para essa composição deveria pegar algum objeto que produzisse som e criar uma sequência sonora. Foi mostrado aos alunos, algumas formas de musicar, som contrapondo ou acompanhando o outro e diferentes timbres e ritmos.

No colégio A, ficaram dispostos 6 grupos e não houve tanta dificuldade em arrumá-los, pois estabeleceu-se que eles deveriam prestar atenção na professora para a execução das atividades.

O 1º grupo utilizou como materiais sonoros: régua, canetas, lápis, batida de mão e penal. Com a mesma batida, mas com timbres diferentes, conseguiram estabelecer uma sequência musical. O timbre mais interessante foi o da régua de metal que deu base para as outras batidas. A dificuldade e a melhor parte que o grupo encontrou para realizar a atividade foram encontrar um ritmo e depois conseguir reproduzi-lo.

Na 2ª apresentação, os alunos utilizaram: batidas da caneta, caderno e mãos batendo na mesa, mão batendo no caderno e penal. A principal dificuldade foi estabelecer um ritmo, durante a apresentação alguns sons como os das batidas na mesa e no caderno saíram do ritmo proposto, o som do penal acompanhava o andamento dos outros timbres, sendo este o som mais interessante do grupo e que foi utilizado como chocalho.

No 3º grupo, foram utilizados: palmas, o caderno batendo na mesa e a espiral do caderno com uma caneta. A maior dificuldade foi encontrar um ritmo e o melhor som foi o da espiral do caderno que dava base para os outros ritmos. Não foi usado contraposição, apenas acompanhamento com diversos timbres.

O 4º grupo foi o mais complicado de realizar a atividade, os alunos brincavam muito e demoraram pra encontrar a batida correta. Sons utilizados: mão e lápis batendo no caderno, caderno e caneta batendo na mesa. Foram utilizados apenas timbres diferentes com o mesmo ritmo.

No 5º grupo os alunos utilizaram para a criação: caderno, palmas e penal no caderno, sendo este o som mais interessante do grupo. A dificuldade encontrada foi estabelecer um ritmo que acompanhava os outros sons utilizando as palmas. Não houve contraposição sonora, apenas ritmos e timbres diferentes.

No 6º grupo, os objetos utilizados foram: tesoura, canetas e cadernos batendo na mesa e as mãos batendo na mesa. A maior preocupação deste grupo foi escolher um ritmo na hora. Houve contraposições de sons com a tesoura e com as canetas. Som mais interessante foi o da tesoura.

O último relato é de um aluno que não quis apresentar nem se unir a nenhum grupo. Sua análise das apresentações foi ver a divergência dos grupos para a execução das atividades, mas ele gostou de alguns grupos e de outros não.

Trabalhar a atividade de sequência de sons com esta turma foi interessante, pois a princípio eles não sabiam direito o que sairia no final, mas para uma primeira ideia sobre o assunto, os alunos foram bem e se surpreenderam com o que eles conseguiram reproduzir.

6.2 COLÉGIO B

No colégio B, os alunos em grupos deveriam pegar algum objeto pessoal que produzisse som e foram encaminhados ao laboratório de Ciências para a execução das atividades. A turma ao chegar ao laboratório dispersava-se com facilidade, não se concentrava e tiveram dificuldades na finalização das atividades. Os alunos tiveram 25 minutos para improvisarem em grupo, utilizando sons do dia a dia.

O 1º grupo utilizou batidas na coxa, estalar de dedos, palmas, estojo, caneta e caderno, estabeleceram uma sequência: 1ª parte: batida na coxa, estralar de dedos, batida na coxa, estralar de dedos, coxa e palmas; 2ª parte: duas pessoas chacoalhando o estojo e batendo a caneta; 3ª parte: batidas na coxa, estralar os dedos, palmas, batida na coxa, estralar os dedos, batida na coxa e palmas; 4ª parte: duas pessoas batendo o caderno e 5ª parte todos juntos. A sequência ficou ritmada, com timbres diferentes e com sons do caderno e do chocalho acompanhando as palmas. Relato do grupo: Aprendemos a trabalhar em equipe, com um pouco mais de ritmo e fazer musicalização sem instrumentos.

O 2º grupo utilizou caderno, régua, caneta, penal e as mãos, eles utilizaram como base a música do *Queen: We Will Rock You*, mas o grupo não conseguiu se

concentrar devido ao barulho da sala e o som não saiu como o programado, saiam do ritmo, constantemente foram utilizados batidas na mesa com o caderno e com a régua e outra aluna chacoalhou o penal. Os timbres produzidos ficaram interessantes, mas não houve mudanças de ritmos, apenas todos os timbres produzindo o mesmo ritmo. A ausência de ensaio prejudicou a atividade.

O 3º grupo improvisou, pois não conseguiu executar a atividade no período estipulado, estavam sem ideias a princípio. Foram utilizados: batidas dos cadernos, palmas, lápis e batidas na mesa. O grupo apenas uniu os timbres com um mesmo ritmo. Aos grupos foi explicado que o som não deveria ser forte, apenas produzido.

O 4º grupo utilizando-se de régua, caderno, lápis e batidas na mesa, conseguiu fazer uma composição com ritmo rápido e os diferentes timbres acompanhando a base das batidas na carteira. Esse grupo foi aplaudido, pelos outros alunos.

O 5º grupo utilizou régua, canetinha, caderno e a mão. Iniciou com a batida da canetinha na mesa, seguido da régua e da batida de mão no caderno que finalizou a sequência dando um ritmo ao grupo. A apresentação teve um ritmo médio com diferentes timbres.

Um aluno não quis apresentar e outro improvisou sozinho uma sequência de percussão utilizando andamento rápido e lento, com batidas do caderno.

As sequências de sons desta turma foram desgastantes, pois essa é uma turma agitada, mas como alguns alunos tem alguma noção de música, saíram algumas apresentações com ritmos e timbres diferentes e interessantes. Durante a atividade foi mostrada aos alunos a altura que deveria ser usada como base para produzir o som, devido aos alunos estarem utilizando muita força para produzir os sons batendo os objetos.

7 IMPROVISAÇÃO SONORA, A PARTIR DA PERCEPÇÃO SONORA PERCEBIDA NO FILME: O SOM DO CORAÇÃO E NOS VÍDEOS DOS GRUPOS: BARBATUQUES E STOMP

7.1 COLÉGIO A

Os grupos do Colégio A já estavam separados, tinham assistido ao filme, feito a percepção sonora individual, discutido em grupo os sons percebidos, improvisado com sons do dia a dia em sala, mas por problemas técnicos, eles não tinham assistido aos vídeos do *Stomp* e dos Barbatuques.

Na hora de começar as apresentações, eles iam improvisar alguma coisa. Estavam sem jeito e nervosos, pois não sabiam direito o que fazer. Eles foram levados até a sala de vídeo do colégio, assistiram aos vídeos acima citados e tiveram a data de apresentação alterada para a próxima semana e apenas a partir destas visualizações, tiveram ideias para as finalizações de suas produções sonoras.

A 1ª apresentação iniciou com o solo de uma aluna utilizando diferentes tipos de timbres com potes contendo materiais diversos como: palitos, arroz, pedras e feijões. A improvisação foi uma sequência de timbres constantes, com ritmos variados, breve pausa e aceleração na finalização.

O 2º grupo utilizou a idéia de uma fanfarra com: palmas, pote com arroz, batidas de percussão no balde, batidas rápidas de caneta, e pés marchando. Bem ensaiado, com timbres utilizando diferentes ritmos para acompanhar a percussão, sons breves e constantes, formas musicais entrando em cada momento na sequência musical, acompanhando a base da percussão no balde.

Na 3ª apresentação utilizaram uma música de fundo, e seguindo a sequência da mesma com: palmas, batidas no caderno e no chão, e em um copo de metal com uma colher. Analisando pelo ritmo da música, algumas batidas utilizadas estavam fora do ritmo, mas os timbres usados ficaram interessantes com a música.

O 4º grupo com 4 alunos (as), tinha como proposta utilizar: batidas de punhos na mesa, passar a caneta no espiral do caderno e fazer um chocalho com o estojo. A apresentação começou com o som do espiral acompanhando as batidas na mesa, mesmo ritmo com timbres diferentes, mas quando entrou o som do estojo, eles saíram do ritmo e não continuaram a atividade. Tentaram novamente, mas as alunas que estavam fazendo a batida na mesa, saíram do ritmo.

A 5ª apresentação ocorreu com 6 alunos que fariam a atividade utilizando, a espiral do caderno e uma caneta, batidas na mesa e no caderno, e no balde de metal com a caneta. Tentaram apresentar por duas vezes, mas perdiam o ritmo e a apresentação não ocorreu, devido a muitas brincadeiras e risadas entre os alunos.

O 6º grupo utilizou: o balde de lixo, garrafa com pedras, caneta batendo em uma lata, palmas, batidas na mesa e no caderno. A sequência sonora começou com a batida constante no balde e os outros timbres acompanhariam o som, começou bem, mas no fim da apresentação cada um tentou mudar o ritmo, sem acompanhar

ou sobrepor o outro e parecia que estava sem ensaio, a apresentação não teve um final.

De todos os alunos da sala, apenas um aluno não quis apresentar a atividade.

7.2 COLÉGIO B

No colégio B, após a visualização do filme, rever as cenas que mais chamaram a atenção, discussão sobre o que eles deveriam ter visualizado e só viram após rever o filme, fazer a percepção sonora, discutir sobre os sons percebidos, ter um embasamento teórico e prático sobre: Timbre, Altura, Intensidade e Duração/Ritmo, sons contrapostos e justapostos. Foi mostrado em sala aos alunos um som acompanhando o outro, com o mesmo ritmo com diferentes timbres e um som contrapondo o outro, mas com ritmos e timbres diferentes. Apenas um aluno não quis apresentar a atividade.

A 1ª apresentação foi um solo improvisado utilizando o balde de lixo e uma baqueta, foi a apresentação de maior duração, com um aluno que já tinha noção de instrumentos de percussão. Na apresentação, utilizou diversos timbres, batendo em vários locais do lixo (parte de metal e lateral do cesto), utilizou a batida da baqueta na carteira e iniciou com um Beatbox dando suporte para as batidas. As velocidades usadas na apresentação iniciaram com ritmo médio, passando pelo rápido e finalizando com um lento. Soube com destreza, controlar, timbres, harmonia e velocidade.

O 2º grupo, foram de 5 alunos, sendo que dois deles já se apresentaram com projetos musicais. A sequência iniciou com sons das carteiras e cadernos em um mesmo ritmo, apenas com diferentes timbres, dois alunos iriam contrapor o primeiro som batendo nas carteiras com um ritmo diferente. A atividade teve de recomeçar 3 vezes, dando certo apenas na última. A sequência ficou interessante e só não ficou melhor devido a ausência de ensaios.

A 3ª apresentação foi uma dupla que improvisou o som de uma bateria, utilizando uma lata de Nescau presa em um caderno, duas baquetas e um chocalho, feito com uma garrafa de plástico e feijão dentro. A sequência foi bem ensaiada, com começo meio e fim e batidas constantes do chocalho e as contraposições vinham da baqueta e da lata, foi estabelecido um ritmo constante com a baqueta na

mão que estava batendo na lata e as finalizações ocorriam com as baquetas no caderno.

O 4º grupo fez, uma composição com palmas e com a batida de caneta na mesa. Uma composição simples, e sem ensaio.

A 5ª apresentação foi com 5 alunos utilizando som com, palmas e batidas das mãos e de um caderno na carteira. Esta apresentação começou com ritmo e acompanhamentos dos timbres, no final o aluno que dava a base com o caderno, saiu do ritmo, desconcentrando o resto do grupo.

A 6ª dupla fez uso de palmas, batidas de mão na carteira e de um pote com arroz que fazia um som de chocalho. Houve acompanhamento e contraposições com as batidas de mão na carteira e diferentes tipos de timbres.

O 7º grupo, foram 4 pessoas que tentaram fazer uma sequência utilizando batidas de mão na carteira, palmas e cotovelo e mãos na mesa, mas os alunos não tinham ensaiado, eles tentaram por três vezes, mas a apresentação não se finalizou.

A 8ª apresentação foram duas alunas improvisando, que tentaram produzir uma sequência sonora utilizando batidas de mão e sons com a mão fechada na mesa. Um som era feito, enquanto o outro dava a finalização da batida, no meio da apresentação uma parava de bater na mesa, enquanto outra pegava uma lata com pedras dentro, utilizando como chocalho. A apresentação não foi finalizada, pois sem ensaio, não conseguiram alcançar a proposta que haviam pensado pra atividade.

A 9ª atividade foi apresentada por um aluno improvisando com batidas da mão no caderno, na mesa e utilizando o espiral do caderno. Esse aluno não queria nem apresentar a atividade valeu a vivência e experimentação.

A 10ª dupla precisou de três tentativas pra dar certo devido ao nervosismo. O resultado da apresentação foi uma introdução com batidas no caderno e a finalização da dupla foi semelhante o som de uma bateria utilizando duas canetas.

As atividades realizadas pelo Colégio A tiveram muitas ideias criativas e os alunos que estavam engajados com a proposta finalizaram muito bem suas atividades.

Na 1ª apresentação a utilização de diferentes timbres e ritmos utilizando potes com diversos materiais, foi bem criativa. Na 2ª apresentação o ritmo, os timbres e o comprometimento e ensaio para as atividades mostrou que um trabalho utilizando sons do dia a dia pode ser edificante. Na 3ª apresentação a ideia da música foi boa,

mas faltaram mais ensaios para que realmente a proposta se efetivasse. Na 4ª, 5ª e 6ª apresentações houve timbres interessantes, mas alguns alunos brincavam demais, não realizando por inteiro a proposta da atividade.

No Colégio B a 1ª apresentação foi uma aula de percussão, utilizando diferentes timbres e ritmos. A 2ª apresentação por mais que começasse por três vezes, teve um ótimo andamento com um ritmo interessante indo do lento ao mais rápido e com timbres diferentes. Na 3ª, muita criatividade para fazer a ideia do som de uma bateria, com as latas e o chocalho, com andamento e timbres perfeitos.

Nas 4ª, 7ª, 8ª e 9ª as apresentações estavam sem ensaio, as propostas eram boas, mas sem o comprometimento dos alunos a proposta não se concretizou. Na 5ª apresentação a ideia inicial foi boa, mas o aluno que dava a base empolgou-se tirando a concentração e o ritmo de todo o grupo. Na 6ª, foi uma apresentação simples, mas que deu um bom resultado, com timbres variados e com começo, meio e fim. A 10ª apresentação chamou muito a atenção, pois ele conseguiu utilizando apenas uma caneta, imitar o som de uma bateria.

Percebeu-se nestas composições que engajamento, boas ideias e ensaio podem auxiliar no processo de produção de atividades musicais em sala. Para os alunos que já tocam algum instrumento esse processo de produção musical é mais fácil. Nessas escolas não há espaço para uma sala de arte, mas é possível fazer os alunos passarem pelos processos criativos musicais como cita Swanwick (2003), há a identificação dos sons, que serão transformados em melodias, que serão estruturadas transformando-se em experiências significativas.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa serviu para comprovar a necessidade de filmes e vídeos em sala de aula, pois apenas um aluno, dos que foram verificados, disse que os vídeos não auxiliaram a atividade. A maneira que esses meios foram utilizados e a resposta às proposições feitas em sala foi muito produtiva e além das expectativas. A princípio para a execução dessas atividades, pensou-se que a influência da Indústria Cultural ficaria evidente, o que não ocorreu, mas sim uma vivência e experimentações musicais que mesmo para os alunos que não levam a sério, ou que não tocam algum instrumento, puderam participar e experimentar em grupo diversos tipos de sons, utilizar objetos que não usariam como instrumentos e fazer

sequências musicais diversificadas. A ausência de percepção dos sons por parte de alguns alunos, instigou mais a procura de ações diversificadas em sala para auxiliar os educandos.

As dificuldades encontradas para esse trabalho foram a ausência de uma sala de arte, turmas muito grandes e a empolgação dos alunos com esta atividade. Percebeu-se então que os alunos necessitam destas atividades para se expressar, interagir e vivenciar o processo artístico.

Com a finalização desta pesquisa novas ideias surgiram. Há diversos vídeos e grupos que trabalham com improvisações musicais com materiais diversos, experimentações de sons e instrumentos sonoros, e isso só auxiliará o método de ensino-aprendizagem dos alunos.

REFERÊNCIAS

ADORNO. T. **Indústria cultural e sociedade**. SP: Paz e Terra, 2002.

CHIQUETO, M.R.; ARALDI. J. **Música na educação básica**. Uma experiência com sons alternativos. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2269-8.pdf>. Acesso em: 15/10/2012.

DUARTE JR, J. **Por que arte- educação?** 7. ed. Campinas: Papirus, 1994.

GERHARDT, T.E; SILVEIRA.D.T (Org). **Método de pesquisa**. RS: UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 02/05/2013.

MORAN, J. M. **O vídeo na sala de aula**. (1995). Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/3927/3685>. Acesso em: 28/10/2012.

SCHAFER, R. M. **A afinação do mundo**. UNESP. SP, 1977. Disponível em: <http://arteinterativa.files.wordpress.com/2012/07/a-afinac3a7c3a3o-do-mundo.pdf>. Acesso em: 08/06/2013.

SCHAFER, R. M. **Educação sonora**. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

SWANWICK, K. **Ensinando música musicalmente**. São Paulo: Moderna, 2003.